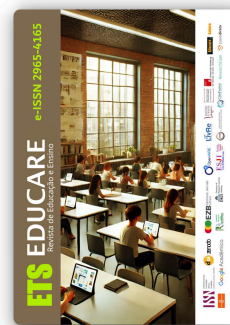


Artigo:

Teoria da História: as influências positivistas dentro da disciplina de HGPT/ET e suas problemáticas

Theory of History: the positivist influences within the HGPT/ET discipline and it's problems

Teoría de la Historia: las influencias positivistas dentro de la disciplina de HGPT/ET y sus problemáticas



SOUZA, E.; COSTA, J.; FERNANDES, B..

Ernane Souza
Juliana Costa
Bárbara Fernandes

Resumo

O presente artigo tem por finalidade relacionar o uso da corrente positivista com o ensino/aprendizagem da disciplina HGPT/ET em sala de aula. Especificamente, a partir da discussão de análise, levando em consideração sobre como esse paradigma discorre e se enraíza na disciplina em evidência, sobre suas características, como ele compreende a história e por conseguinte como ele tange o ensino da matéria. Também colocaremos em questão o Positivismo em si, sobressaindo sua trajetória, seus discursos, suas metodologias tanto de ensino do conteúdo histórico quanto de produção de conhecimento, ainda os seus discursos, suas ideias, seus pensamentos e ideais. Ademais, por meio de tais pontos ambicionamos demonstrar e se fazer compreender por que tal corrente caiu em desuso na historiografia e na sociedade contemporânea ao longo do tempo, mas também ratificar que por mais que tenha ocorrido uma descontinuidade, tal corrente ainda projeta suas ideais até os dias de hoje nos mais diferentes segmentos e áreas. Objetivamos não deixar de sinalizar como ele ainda se faz presente por meio de certos espectros, temas, conceitos e propostas de tal disciplina e seus cadernos pedagógicos. Assim sendo, este trabalho tem o objetivo trazer as principais influências e suas problemáticas em torno da questão.

Palavras-chave: Positivismo; História; Petrópolis.

Ets Educare
Revista de Educação e Ensino
Educare et Sabere
e-ISSN: 2965-4165
Periodicidade: Fluxo Contínuo
n.3, v.2, 2024

URL: <https://esabere.com/index.php/educare>



Esta obra está sob Licença Internacional Creative Commons 4.0.
Copyright (c) do(s) Autor(es)

SOUZA, E.; COSTA, J.; FERNANDES, B. Teoria da História: as influências positivistas dentro da disciplina de HGPT/ET e suas problemáticas. **Ets Educare** - Revista de Educação e Ensino, Curitiba, n.3, v.2, p.137-153, 2024. e-ISSN 2965-4165
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14550090>

Abstract

This article aims to relate the use of the positivist current with the teaching/learning of the HGPT/ET discipline in the classroom. Specifically, through the analysis discussion, we consider how this paradigm develops and becomes rooted in the highlighted discipline, its characteristics, how it understands history, and consequently, how it influences the teaching of the subject. We will also question Positivism itself, highlighting its trajectory, discourses, methodologies both for teaching historical content and for knowledge production, as well as its discourses, ideas, thoughts, and ideals. Moreover, through these points, we aim to demonstrate and make it clear why this current has fallen out of use in historiography and contemporary society over time, but also to confirm that, despite the discontinuity, this current still projects its ideals to this day in various segments and areas. We intend to highlight how it still manifests itself through certain aspects, themes, concepts, and proposals of this discipline and its pedagogical materials. Therefore, this work aims to bring forth the main influences and their problems surrounding the issue.

Keywords: Positivism; History; Petrópolis.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo relacionar el uso de la corriente positivista con la enseñanza/aprendizaje de la disciplina HGPT/ET en el aula. Específicamente, a partir de la discusión de análisis, consideramos cómo este paradigma se desarrolla y se arraiga en la disciplina destacada, sus características, cómo comprende la historia y, en consecuencia, cómo influye en la enseñanza de la materia. También cuestionaremos el Positivismo en sí, destacando su trayectoria, discursos, metodologías tanto para la enseñanza del contenido histórico como para la producción de conocimiento, así como sus discursos, ideas, pensamientos e ideales. Además, a través de estos puntos, buscamos demostrar y hacer comprender por qué esta corriente ha caído en desuso en la historiografía y la sociedad contemporánea con el tiempo, pero también confirmar que, a pesar de la discontinuidad, esta corriente aún proyecta sus ideales hasta el día de hoy en varios segmentos y áreas. Pretendemos resaltar cómo todavía se manifiesta a través de ciertos aspectos, temas, conceptos y propuestas de esta disciplina y sus materiales pedagógicos. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo presentar las principales influencias y sus problemáticas en torno a la cuestión.

Palabras clave: Positivismo; Historia; Petrópolis.

SOUZA, E.; COSTA, J.; FERNANDES, B. Teoria da História: as influências positivistas dentro da disciplina de HGPT/ET e suas problemáticas. **Ets Educare** - Revista de Educação e Ensino, Curitiba, n.3, v.2, p.137-153, 2024. e-ISSN 2965-4165
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14550090>

À história foi atribuída a função de julgar o passado, de instruir o presente em benefício das eras futuras. A tais altos cargos este trabalho não aspira. Quer apenas mostrar o que realmente [essencialmente?] aconteceu (como realmente foi). – Leopold Von Ranke

POSITIVISMO

O positivismo nasceu no século XIX com o filósofo francês Augusto Comte, em seu livro “Curso de Filosofia Positiva”, publicado entre 1830 e 1842 em 6 volumes. Ele é uma corrente de pensamento que enfatiza o uso da ciência e seus métodos para obtenção de conhecimento, negando a ideia de que os fenômenos naturais provenham apenas de um princípio, sendo este religioso ou natural. O teórico dizia que todas as filosofias anteriores à sua obra eram ‘negativas’ pois eram meramente especulativas, não oferecendo respostas ou sequer tentando, apenas conjecturando. Com as proposições do autor, ela se tornou positiva, propondo pesquisas, hipóteses, experimentações, leis e métodos. Tais discussões levariam com o passar do século ao surgimento da sociologia.

É importante salientar que Comte começou, entre 1834 e 1836, a transição de filosofia da história para teoria da história. Em sua narrativa positivada, ele estava preocupado não só com o passado, mas com o presente e o futuro, procurando um sentido através dos conteúdos percorridos. Com o passar do tempo, o movimento positivista foi sendo enriquecido por outros autores e fortalecendo-se na civilização ocidental.

Partiam também de um fundamento de ‘lei geral’ em diferentes âmbitos, como a concepção de que as ciências sociais possuíam os mesmos métodos das ciências da natureza. Aplicando-se esse conceito a questão historiográfica, de similitudes, obteve-se uma ‘história geral’ ou universal, uma narrativa preocupada em reproduzir uma narração principal, com um viés de protagonismo e principalidade, como a relevante e a verdadeiramente importante, com grandes eventos e figuras grandiosas de liderança e

força, sendo estes fatores coroados com o foco no progresso. No entanto, essa corrente positiva demonstra problemáticas, pois tais perspectivas deixaram de lado momentos, grupos e histórias que por não se encaixarem nos padrões reproduzidos acima, tiveram sua realidade, existência e passado marginalizados, invisibilizados e calados.

Tal corrente teceu profundas induções sobre a nossa sociedade por muitas décadas, marcando presença nos mais diferentes ramos de nossa civilização e chegando até os dias de hoje, seja na política, nas ciências e até na educação, o positivismo continua presente. Este trabalho busca argumentar exatamente sobre tal influência no campo de ensino, especificamente dentro do material didático da disciplina de História, Geografia de Petrópolis, Turismo e Educação no Trânsito (HGPT/ET).

HGPT/ET

Para começarmos, precisamos discorrer sobre a disciplina propriamente dita, seus objetivos e focos. Antes de tornar-se uma matéria escolar, ocorreu a Deliberação nº 539, de 07/08/1954 que instituiu a “Maratona Escolar de Petrópolis”, que possuía como objetivo incentivar os estudantes, futuros cidadãos, a se envolverem mais com o passado da cidade. Ela consistia em uma avaliação com questões tanto de português como de história. A disciplina foi ganhando forma com o tempo e de baixo da égide da maratona. A demanda de uma matéria bem delimitada foi necessária, que se debruçasse sobre questões históricas e geográficas da região. Tal justificativa fez com que após muitas deliberações, o então prefeito da época, Paulo Rattes, colocasse em vigor a Lei nº 4.306, de 29/12/1984, começando assim a instrução de História e Geografia de Petrópolis (HGP), uma disciplina para os alunos das escolas públicas do município. Importante salientar que não havia sido fixado um conteúdo curricular propriamente dito, cabia aos professores realizar a função ponderante do ensino. Em 2014, foi elaborado um novo plano educacional – que foi aprovado em 23/07/2015 com a Lei Municipal nº 7.334 – seguindo os moldes de leis federais. Logo a reboque veio um referencial curricular municipal, estabelecendo tópicos da matéria. Acrescentou-se turismo e educação no trânsito ao nome, sendo agora HGPT/ET. Em 2016, vieram os cadernos pedagógicos, com autoria de Juliana Maria Costa Fecher Winter. Neste estudo,

SOUZA, E.; COSTA, J.; FERNANDES, B. Teoria da História: as influências positivistas dentro da disciplina de HGPT/ET e suas problemáticas. *Ets Educare* - Revista de Educação e Ensino, Curitiba, n.3, v.2, p.137-153, 2024. e-ISSN 2965-4165
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14550090>

buscamos utilizar esse conjunto didático como material empírico de análise, ou seja, o referencial curricular para o segundo segmento da rede municipal de Petrópolis, que é usado até nos seus dias atuais.

É importante se atentar à época da maratona, 1954 – data de início do evento. O Positivismo era uma corrente fortemente influenciadora durante o período, muitos vestígios positivistas podem ser rastreados por todo Brasil até os dias de hoje, nos mais ínfimos campos, sendo frutos desse momento. Lançando uma lente sobre a educação atualmente, embora os livros didáticos sejam atualizados, indo em uma direção contrária a essa corrente de pensamento, com outros segmentos teóricos que trazem uma análise mais sofisticada sobre a história, é inegável perceber sua presença e estigmas enraizados até hoje, sendo quase que imperceptivelmente entranhado em nossa sociedade.

A disciplina HGPT/ET figura bem essa questão. A matéria debruça-se sobre as questões da história de Petrópolis, sendo separada em diferentes momentos, com dada uma grande ênfase à narrativa da “Cidade Imperial”, algo quase que totalmente hegemônico e que segue os padrões da filosofia positiva. Mais à frente analisaremos as nuances de tais questões.

HISTÓRIA UNIVERSAL

Augusto Comte auxiliou profundamente a área de história a ser vista como uma ciência, incorporando-a ao seu positivismo, identificando e estabelecendo diretrizes, normas, parâmetros e fórmulas, lhe concedendo assim um caráter científico e substancialmente enraizado em uma visão sociológica. Sua preocupação é com o desenvolvimento de uma narrativa linear, progressiva e em certo modo de evolução da sociedade, por meios naturais e racionais da própria sociedade. Com cada ponto posterior sendo um avanço sobre o momento anterior.

Tal afirmativa fica bem fundamentada com a teoria dos 3 estados de Comte. Nela observamos a progressão da sociedade ao longo de três fases distintas. A primeira seria a fase teológica (ou mística), onde fenômenos são explicados pelo homem através de um viés sobrenatural, um exemplo disso seria a sociedade eclesiástica feudal. A

segunda é conhecida como sociedade natural ou metafísica, onde a explicação é abstrata, sendo exemplificada pelas sociedades revolucionárias modernas. Por último, a terceira, a científica ou positiva, onde o conhecimento se volta para a razão, para os fatos existentes. Um estágio leva ao outro, onde se dinamizam e evoluem, sendo o terceiro o estado superior. Em sua obra, o pai do positivismo, disse que a única sociedade no ápice do desenvolvimento era a europeia, com outros territórios sendo de primeiro e segundo estados.

Posteriormente, Henry T. Buckle estabeleceu uma percepção que dialogava com os pontos de Comte, a ‘Lógica do Fardo Europeu’, em que a Europa, tendo chegado ao auge de seu desenvolvimento tinha o dever de auxiliar as sociedades mais “atrasadas” em sua evolução.

Tais argumentos contribuíram em muito para a construção de uma história universal, geral, com a Europa no centro desta narrativa, criando-se uma ideia hegemônica e eurocêntrica. Voltada para etapas, segmentos, estratificações, desenvolvimentos e acima de tudo ao progresso. Preponderantemente isso levou a uma narração que contemplasse em primazia, grandes heróis, eventos faraônicos, vitórias, causas e efeitos e a uma história puramente elitista, ou seja, aristocrática e burguesa, que fala de guerras, conquistas, descobertas, inovações, reis, generais e grandes líderes, se omitindo em contar o passado dos subalternizados, dos marginalizados, como os operários, escravizados, mulheres, indígenas, derrotados, portadores de transtornos mentais e dentre outros.

Compreendendo o material didático do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, o “Caderno pedagógico de HGPT/ET”, fornecido pela Secretaria de Educação de Petrópolis, no ano de 2016, com a autoria de Juliana Maria Costa Fecher Winter. Podemos notar a presença dos princípios citados acima, sendo heranças da Maratona Escolar de Petrópolis, de 1954.

Por exemplo, no livro do 9º ano, na unidade I, “Petrópolis, que história é essa?”, entre as páginas 11 e 44, são trabalhadas as diferentes ondas de imigrantes que aqui se assentaram com o decorrer do tempo. O foco narrativo fica em discorrer apenas sobre os europeus, sua importância e contribuições para o crescimento e desenvolvimento da

cidade, evidenciando as partes do processo e os resultados deste. Revelando sua linha puramente eurocentrista. Pouco falando sobre a participação negra na construção da cidade ou da migração japonesa que ocorreu ao longo do Brasil República, e até da Sírio-Libanesa ocorrida ao final do século XX.

Na unidade seguinte, “Petrópolis do Império à República”, o discurso é quase o mesmo. Possui um viés muito aristocrático e burguês, com um tom quase romântico, focando principalmente na figura do imperador D. Pedro II, da presença da família imperial, de empreendimentos, inovações, da presença da corte no Império e depois da República. Do desenvolvimento e avanços da cidade, em uma espécie de combinação entre algo bucólico e urbano, em uma medida balanceada. Com o prestígio de grandes empresários e certos grupos de imigrantes, como os germânicos. O que não seguia a fórmula ou não coadunasse com o que era considerado como relevante, era deixado de lado. Visões e perspectivas de pessoas menos abastadas e até bem diferentes ficaram de fora, como meras espectadoras.

Já com o livro do 6º ano, na unidade III, “Quem vivia onde eu vivo”, temos apenas 4 páginas tratando sobre os índios coroados. Pouco se fala de onde vieram, o que aconteceu a eles durante a marcha do progresso e menos ainda sobre sua cultura. É fundamental evidenciar que caso seja feita uma pesquisa no site da Prefeitura de Petrópolis sobre sua história, pouco ou quase nada é falado sobre o povo originário. A narração fala dos vencedores, que tomaram o lugar e nada dos derrotados, pouco importando falar dos tempos antes da colonização ou que fim tiveram.

Ainda neste livro, na unidade IV, a “Mão de obra africana e seu legado”, conhecemos os detalhes da chegada e do estabelecimento dessa mão de obra escravizada às terras serranas. Desde relatos de capturas ainda na África, até vendas e fugas publicadas em jornais petropolitanos da época (etapas). O capítulo é rico em informações, no entanto, quando o assunto se encaminha para resistência, na figura de quilombos e outras formas de luta, ele é resumido em apenas 2 páginas, que se detém em situar localidades e apontar remanescentes. A história desses indivíduos é explorada de forma superficial, sendo mais importante falar sobre sua participação na construção do Caminho Novo, ressaltando o desenvolvimento.

Um dos grandes críticos desse modelo discursivo foi o filósofo alemão Walter Benjamin que por meio de seu livro “Teses Sobre o Conceito de História” desaprovava veementemente os pontos e nuances do positivismo histórico – como também de outras correntes de pensamento, o historicismo por exemplo. Ele batia no fato de certos segmentos serem extirpados dessa narrativa universal por não serem compatíveis com o ideal de progresso linear, invisibilizando assim eventos, grupos e momentos de suma importância. Outro ponto de incômodo era de que o discurso era escrito pelos vencedores, apagando e deslegitimando relações, culturas e vivências. Fazendo a manutenção de uma linha de opressores e oprimidos. Tais questões por si só já geram um problema de simplificação factual, pois a preocupação era em estabelecer etapas e não em explorar a complexidade do momento.

Em sua obra, sua opinião fica ainda mais clara a partir de seus comentários tecidos e organizados em um elo de proposições e críticas que tangenciam e simbolizam bem as consequências e os fatos acerca desta problemática. Durante a passagem das teses II e III, é posta uma ideia de redenção do passado, com a rememoração do mesmo e de suas vítimas. Partindo até mesmo da lógica de horizonte de expectativas, contar a história do que não foi, mais do que poderia ter sido, a dos interditos, que tiveram seus sonhos, desejos e anseios esmagados pela marcha do progresso, sem fazer distinções entre eventos ou indivíduos. Da pouca atenção dada a fatos de imensa complexidade e prioridade. Michael Löwy, uma das maiores autoridades nos trabalhos de Benjamin trata exatamente deste ponto:

Todavia, a rememoração, a contemplação, na consciência, das injustiças passadas, ou a pesquisa histórica, aos olhos de Benjamin, não são suficientes. É preciso, para que a redenção aconteça, a reparação - em hebraico, tikkun? - do sofrimento, da desolação das gerações vencidas, e a realização dos objetivos pelos quais lutaram e não conseguiram alcançar. (Löwy, 2005, p. 51)

Na tese IX, a do anjo, a mais famosa de todas e sobre a qual mais se elaboraram trabalhos em cima, sendo a que se encaixa perfeitamente com as já citadas. Ela mostra a visão incisiva e direta de Benjamin quanto ao desenvolvimento da humanidade e seus resultados. Löwy também a cita em suas análises:

SOUZA, E.; COSTA, J.; FERNANDES, B. Teoria da História: as influências positivistas dentro da disciplina de HGPT/ET e suas problemáticas. *Ets Educare* - Revista de Educação e Ensino, Curitiba, n.3, v.2, p.137-153, 2024. e-ISSN 2965-4165
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14550090>

"Minha asa está pronta para o voo
De bom grado voltaria atrás
Pois permanecesse eu também tempo vivo
Teria pouca sorte"
Gerhard Scholem, Salus de l'ange
[Saudação do Anjo].

Existe um quadro de Klee intitulado "Angelus Novus". Nele está representado um anjo, que parece estar a ponto de afastar-se de algo em que crava o seu olhar.

Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão estiradas. O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem seu rosto voltado para o passado. Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade. (Löwy, 2005, p. 87 apud Benjamin, 1940)

Fica notório através dessa alegoria o que o autor quis dizer quanto às consequências do desenvolvimento humano. Essa calamidade passa como uma locomotiva a vapor, por cima de camadas consideradas menos importantes, dando prestígio e atenção aos grandes vencedores dessa marcha sangrenta. A história teria o dever de criar meios para ouvir as vozes que se perderam, sendo estas necessárias como um dos atos que agregaria a grande 'peça' da odisséia humana, sendo fundamental para uma grande compreensão dos fatos.

Benjamin cita "Sobre a utilidade e a desvantagem da história" de Friedrich Nietzsche na tese XII, em que ele diz "Precisamos da história, mas não como precisam dela os ociosos que passeiam no jardim da ciência." Lançando uma reflexão da utilidade da história para o tempo presente, linkando também com os ideais de Karl Marx do subalternizado, o proletário, como real sujeito e protagonista histórico. Löwy ainda nos instiga a concluir com suas declarações que a 'história progresso' serve apenas para quem ela favorece, à visão elitista, acabando por não ser utilizada e muito acessada

pelos excluídos da mesma. Cabendo então uma inversão dessa ótica, focando nesses interditos. Elencando até um viés revolucionário em concluiu as críticas políticas que ele faz em outras, como na I, III, X e XI

Para concluir essa argumentação, Löwy destaca outra tese, a de número XV, e um trecho chama muito atenção:

O dia com o qual começa o novo calendário funciona como um condensador de tempo histórico. E, no fundo, é o mesmo dia que retorna sempre na figura dos dias de festa, que são dias da rememoração. Os calendários, portanto, não contam o tempo como relógios. Eles são monumentos de uma consciência da história da qual, há cem anos, parece não haver na Europa os mínimos vestígios. (Löwy, 2005, p. 123)

O calendário é entendido como a sociedade o estabelece, com feriados e convenções que ao mesmo tempo celebram vitórias e opressões, que prestigiam situações e ocorrências que fazem sentido no contexto que estão inseridos, por exemplo a celebração da Coroação de D. Pedro I durante o período imperial, em 1º de dezembro e a Proclamação da República, em 15 de novembro, atualmente. Eventos e períodos são prestigiados enquanto outros se quer são lembrados, seja pelo momento histórico ou por quem os representa, o grupo social dominante o configura e edita, representando narrativas que lhes são aprazíveis e beneficiárias.

No fim podemos entender, que de história universal partindo da filosofia positiva não há nada de universal. Ela representa certos grupos, momentos e ideias que configuram bases de força, poder e domínio. Não se importando com quem está por baixo.

GRANDES PERSONALIDADES

A característica da observância narrativa sobre grandes personalidades que é abordada pelo positivismo, vem de encontro com o Iluminismo, que no século XVIII, que na figura de filósofos como Montesquieu, Voltaire, Kant e dentre outros, são primordiais para compreender as raízes dessa corrente de pensamento. Eram obcecados em coletar exemplos da diversidade humana que se apresentava nas mais variadas

culturas e sociedades, mas nem por isso deixavam de desejar uma busca de uma universalidade. Na matéria HGPT/ET não foge a isso. Dentre essas personalidades destacam-se figuras históricas importantes que compõe uma espécie de “panteão heroico” da cidade, que estampam nomes de ruas e prédios.

Analisando o caderno do 7º ano, o destaque sendo uma das unidades do caderno, encontramos um capítulo todo voltado a Paulo Barbosa, mordomo-mor da casa imperial brasileira, e seus “grandes feitos”. Passando para o caderno do 8º ano, também temos outro capítulo todo voltado para grandes nomes e ganhando destaque o Major Júlio Frederico Koeler, criou o plano urbanístico de Petrópolis. Vemos Outras figuras em outros livros, como D. Pedro I, D. Pedro II, Princesa Isabel, Barão de Mauá e dentre outros. Esses e outros exemplos que abrange uma parte significativa do material. Nada se fala de figuras entre a classe operária, de mulheres, escravizados, libertos e dentre outros. O foco fica toda na elite, no grupo que governa e dita as regras. Confirma-se que não é ocasional que eles carregam os nomes de ruas importantes da cidade, o que reforça ainda mais esse padrão positivista.

A construção desse pensamento veio da ambição de que as ciências sociais, deveria ser como as ciências naturais, sendo imparcial no conhecimento. D’assunção (2011) fala que esse tipo de “conhecimento” privilegiava os grandes grupos sociais, ou seja, a monarquia, o clero e alta burguesia – que via no positivismo uma forma de legitimar-se e consolidar seu lugar. De todo, esse segmento tinha um pensamento muito eurocentrista, como já dito, com a Europa no centro e todos gravitando ao seu redor. Em síntese essa construção trouxe para HGPT/ET, uma influência muito grande europeia, monárquica, a própria ideia da “Cidade Imperial”, de que a monarquia, sua elite e benesses seria mais importante para construção de Petrópolis. Vale salientar que esse título imperial só foi dado em 1981, mais de 90 anos depois do império ter caído.

Pode-se observar que a questão da imigração nas apostilas dá um destaque muito maior aos imigrantes alemães. Tal fato contribuiu muito para tal análise, e é nesse contexto que a narrativa de outros é invisibilizada. Os subalternizados, grupos e indivíduos silenciados, marginalizados, retirados dos espaços públicos, são minados de

sua cultura. O historiador inglês marxista Edward Thompson apresenta uma perspectiva de uma visão da história vista de baixo, que contraria a versão apenas da elite.

O princípio ontológico fundante na teoria thompsoniana assentava-se na razão do processo histórico, em outros termos, baseava-se na história real e concreta que é dinâmica e fluidica e impermanente. Isso significa que as metodologias históricas calcadas em modelos analíticos estáticos pouco ou nada contribuíram para o avanço da pesquisa historiográfica. (JUNIOR, 2014. p. 397).

Em Síntese essa ideia de grandes personalidades está intrinsecamente ligada a esse ideal positivista, que claramente favorece os objetivos elite dominante, o que traz um certo distanciamento e um apagamento histórico. Bittencourt (2008) traz uma análise sobre a história local, que muitas vezes associada com a narrativa do cotidiano e do lugar, trariam coerência e objetivos centrais para a disciplina HGPT/ET, indo de forma contrária com a ideia do positivismo, que é muito relacionada a grandes personagens históricos, que vem sendo relacionado a “grandes avanços”.

EVENTOS GRANDIOSOS

Como dito anteriormente, a linha de pensamento positivista exerceu tamanha influência no desenvolvimento da matéria de HGPT/ET, de forma que seu material didático reflete muitas das características da filosofia positiva. Uma dessas características é a noção de “grandes eventos”, sobre a qual será discorrida nos seguintes parágrafos.

A ideia de “grandes eventos” se dá, principalmente, pela tentativa positivista de construir uma “História Universal”, onde a busca por Leis Gerais, que expliquem o desenrolar dos fatos históricos e que unifiquem a história de todas as sociedades, somada a busca por neutralidade e objetividade na produção de conhecimento histórico, resultam na característica generalizante da historiografia positivista. Tal característica generalizante tem como uma de suas consequências, a divisão dos fatos históricos em “grandes eventos” e “pequenos eventos”, categorizando-os de acordo com sua suposta relevância e tendo como base para sua classificação a narrativa dos “vencedores”, da

elite. Esses “grandes eventos” são configurados em datas, por conta da tentativa positivista de objetivar a história.

Analisando os Cadernos Pedagógicos de 6º a 9º anos do ensino fundamental de autoria de Juliana Maria Costa Fecher Winter, pode-se observar que todos eles começam retomando uma data específica, para uma suposta introdução dos assuntos que serão abordados em cada caderno, e as datas dos eventos estão sempre em evidência, muito bem localizadas. Com isso, torna-se claro o foco em datas ao invés de contextualizações. Ao colocar determinados eventos históricos sob a luz do holofote, ao passo em que suas historicidades são removidas de cena, acaba por causar a impressão de que a história é um emaranhado de acontecimentos desconexos, sem relação alguma entre si, distorcendo o real sentido da historiografia.

A abordagem desenvolvida ao longo dos Cadernos Pedagógicos de HGPT/ET segue uma espécie de fórmula narrativa, em que narrativa histórica = quando + quem + o que, trazendo sempre uma abordagem “quem fez o quê e quando”. Dessa forma, faz parecer que as informações dadas são inquestionáveis e incriticável, com uma única possibilidade de interpretação, são verdades absolutas (ao invés de verdades hermenêuticas).

Em relação aos exercícios, no final de cada unidade, é possível observar que as questões não propõem, em instância alguma, um processo analítico, reflexivo e questionador quanto a matéria elucidada. Com isso, reforçando, de forma sutil, para o inconsciente do aluno, que o conteúdo ali presente é composto por verdades absolutas, e apagando totalmente o aspecto hermenêutico da historiografia.

Segundo Friedrich Nietzsche, a História não deve ser um mero acoplamento de curiosidades isentas de utilidade para o presente. Concordando com o filósofo prussiano, Walter Benjamin, em sua tese XII em “Sobre o Conceito de História”, diz que o apego positivista a grandes personalidades, narrativa generalizante, genealogia, grandes eventos e datas transformam a História em um mero campo de curiosidades, onde suas narrativas e seus conhecimentos perdem a utilidade e o sentido. Afinal, qual a utilidade de uma narrativa histórica isenta de espaço para reflexão crítica a respeito do

passado? Na ausência de análise crítica sobre as narrativas históricas, no presente, a práxis em relação às dores do passado torna-se inviável.

A abordagem do conteúdo dos Cadernos Pedagógicos de HGPT/ET associam eventos históricos diretamente a datas e anos específicos. Inclusive, chega a datar o que tal matéria considera como o início da história de Petrópolis, no ano de 1698 e sua narrativa se mantém focada apenas nas atividades de europeus em território brasileiro. Assim sendo, além de descontextualizar os eventos históricos, ainda comete a invalidação da história dos povos nativos e dos escravizados africanos, refletindo a característica positivista de narrar a história do ponto de vista dos “vencedores”.

Segundo as teses II e III de Walter Benjamin em “Sobre o Conceito de História”, é necessário contemplar o passado em sua integridade, sem fazer distinção entre “acontecimentos pequenos” e “acontecimentos grandes”. Afinal, tanto as vitórias quanto as dores do passado devem ser lembradas. Não só isso, é incoerente classificar determinada parte da história como “mais importante” ou “mais relevante” que outra, uma vez que cada evento histórico é fruto de um desenrolar de consequências de outros eventos que o possibilitaram de acontecer. E encarar o passado em sua integridade é, segundo Benjamin, necessário para que haja aquilo que o autor chama de “*erlösung*”, “redenção”: a aceitação do passado tanto em relação ao que ele foi quanto em relação ao que poderia ter sido, ou seja, contemplar a história dos “vencedores” e a dos “vencidos” sem categorizá-las como duas coisas distintas, uma vez que, em verdade, são indissociáveis.

É interessante notar que, para além do material didático da disciplina, a influência positivista na historiografia brasileira, especificamente na cidade de Petrópolis, foi tamanha que pode ser contemplada através do próprio calendário comemorativo da cidade, com seus feriados e até mesmo nomes de ruas, como a 16 de março, que recebe um lugar de destaque nos Cadernos Pedagógicos de HGPT/ET.

E segundo a tese XV de “Sobre o Conceito de História” de Walter Benjamin, os calendários não são meros contadores do tempo, mas monumentos à história dos “vencedores”, são a expressão de um tempo histórico. Assim sendo, os feriados de um

determinado calendário refletem a consciência histórica de sociedade que o utiliza. E, normalmente, celebram a opressão e os opressores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memória (conceituada como a leitura, a interpretação, do passado) serve de ferramenta para a construção da historiografia, uma vez que a História consiste, entre outras coisas, na narrativa desenvolvida a partir da memória do passado.

Nas palavras de Antônio Fontoura em “Teoria da História”, “O que uma sociedade escolhe lembrar e esquecer reflete concepções culturais e disputas pelo poder”. Afinal, a memória, de acordo com Sigmund Freud, consolida-se através do desenvolvimento do inconsciente Coletivo. Como a memória faz parte do inconsciente, que se encontra em relação de oposição e complementaridade ao Consciente (parte objetiva da psique), não pode haver memória objetiva. Portanto, a abordagem Positivista, com todo seu esforço para objetivar a História, apaga totalmente sua subjetividade, excluindo a hermenêutica das narrativas historiográficas.

A matéria de HGPT/ET, com sua abordagem banhada na filosofia positivista, possui uma preocupação em demonstrar progresso, reforçando a ideia de “curso da história”, trabalha através de métodos que funcionam apenas para as ciências naturais, não para as ciências humanas. Fazendo, assim, com que a História perca seu sentido e sua utilidade. Afinal, abordar a historiografia tal qual uma “ciência pura” é o mesmo que fazê-la perder seu sentido e sua função. Com isso, o aluno, por deparar-se com uma história isenta de sentido em si, entende que deve estudar história apenas para ser aprovado em determinada prova, e não para se conscientizar sobre as raízes sociais, culturais e políticas da sociedade em que está inserido, sendo incapaz, portanto, de desenvolver um pensamento reflexivo, analítico e crítico sobre seu próprio passado. Resultado em uma total falta de práxis (ou mesmo do reconhecimento da necessidade dessa práxis) no presente para lidar com as consequências do passado.

Nas palavras de José D’Assunção Barros, “a missão dos historiadores é, na verdade, a de fornecer à sociedade diversas interpretações problematizadas sobre o que aconteceu”. Portanto, objetivar a História, tal qual o Positivismo e, conseqüentemente, a

matéria de HGPT/ET o fazem, é o mesmo que reduzir o ser humano, ao retirar dele toda a complexidade que reside em sua subjetividade.

BIBLIOGRAFIA

- BARROS, José D'Assunção. Teoria da História. Petrópolis: Vozes, 2011
- BARROS, José D'Assunção. Teoria da História: Os primeiros paradigmas: Positivismo e Historicismo. Petrópolis: Vozes, 2011. 5v [Volume 02]. - Capítulos: Positivismo e Historicismo
- BARROS, José D'Assunção. Teoria e Formação do Historiador. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes Ensino de história: fundamentos e métodos / Circe Maria Fernandes Bittencourt - 2. ed. - São Paulo: Cortez, 2008
- FONTOURA, Antônio. Teoria da História. Curitiba: InterSaberes, 2016.
- JÚNIOR, João A. C. de Campos. A NOÇÃO DE EXPERIÊNCIA HISTÓRICA E SOCIAL EM EDWARD THOMPSON: PERCURSOS INICIAIS. 393-413. História e Perspectivas. Uberlândia. Jan-Jul. 2014.
- LÖWY, Micheal. Walter Benjamin: aviso de incêndio - Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2005.
- RICON, Leandro Couto Carreira. Das filosofias positivistas da história à educação histórica conservadora: Comte, Buckle e Durkheim. Revista En Fil, v. 8, n. 11, p. 79-92, 2020.
- RICON, Leandro Couto Carreira. História e Ensino: um ensaio a contrapelo. Boletim do Tempo Presente, v. 10, n. 02, p. 01-09, 2021.
- SANTOS, Eloy Duarte Dos. Sírio-Libaneses em Petrópolis (OS). Petrópolis: Instituto Histórico de Petrópolis, 2000.

FONTES

Museu do Japão e a história japonesa em Petrópolis

<<http://www.pousadadompetropolis.com.br/museu-japones.php>

PETRÓPOLIS. Apostila de História, Geografia e Turismo/Educação para o Trânsito de

SOUZA, E.; COSTA, J.; FERNANDES, B. Teoria da História: as influências positivistas dentro da disciplina de HGPT/ET e suas problemáticas. *Ets Educare* - Revista de Educação e Ensino, Curitiba, n.3, v.2, p.137-153, 2024. e-ISSN 2965-4165
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14550090>

Petrópolis para o 6º ano do ensino fundamental. 2016a. Disponível em:
 <<https://www.petropolis.rj.gov.br/see/index.php/educacao-municipal/propostacurricular/category/6-cadernos-pedagogicos-de-hgpt-6-ao-9-ano-ensino-fundamental.html>>.

PETRÓPOLIS. Apostila de História, Geografia e Turismo/Educação para o Trânsito de Petrópolis para o 7º ano do ensino fundamental. 2016b. Disponível em:
 <<https://www.petropolis.rj.gov.br/see/index.php/educacao-municipal/propostacurricular/category/6-cadernos-pedagogicos-de-hgpt-6-ao-9-ano-ensino-fundamental.html>>.

PETRÓPOLIS. Apostila de História, Geografia e Turismo/Educação para o Trânsito de Petrópolis para o 8º ano do ensino fundamental. 2016c. Disponível em:
 <<https://www.petropolis.rj.gov.br/see/index.php/educacao-municipal/propostacurricular/category/6-cadernos-pedagogicos-de-hgpt-6-ao-9-ano-ensino-fundamental.html>>.

PETRÓPOLIS. Apostila de História, Geografia e Turismo/Educação para o Trânsito de Petrópolis para o 9º ano do ensino fundamental. 2016d. Disponível em:
 <<https://www.petropolis.rj.gov.br/see/index.php/educacao-municipal/propostacurricular/category/6-cadernos-pedagogicos-de-hgpt-6-ao-9-ano-ensino-fundamental.html>>.

PETRÓPOLIS. Referencial Curricular da Rede Municipal de Petrópolis – Segundo Segmento Do Ensino Fundamental. 2014. Disponível em: <
<https://www.petropolis.rj.gov.br/see/phocadownload/proposta%20curricular%20segundo%20segmento.pdf>>.

Deliberação Municipal nº 355, de 07/08/1954.
 1954 - DELIBERAÇÃO Nº 539, DE 07 DE AGOSTO DE 1954 - ALTERA A MARATONA PETRÓPOLIS[1].pdf

Lei Municipal nº 4.306, de 29/12/1984.
 1984 - Lei municipal n 4306 de 20 de dezembro de 1984 - Cria a disciplina HGP[1].pdf

Lei Municipal nº 7.334 23/07/2015.
 2014 - Plano Municipal de Educação - 2014-2024[1].pdf

Referencial Curricular
 2014 - Proposta curricular segundo segmento - Sec Educação Petrópolis[1].pdf

SOUZA, E.; COSTA, J.; FERNANDES, B. Teoria da História: as influências positivistas dentro da disciplina de HGPT/ET e suas problemáticas. *Ets Educare* - Revista de Educação e Ensino, Curitiba, n.3, v.2, p.137-153, 2024. e-ISSN 2965-4165
 DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14550090>